

Intelectuais e modernidade: Marshall Berman e seu público brasileiro

O desafio proposto neste artigo é abrir pistas para pensar os intelectuais na sociedade brasileira dos anos 1980 em diante¹. Para tanto, será analisada a recepção no Brasil do livro de Marshall Berman *Tudo que é sólido desmancha no ar*, a aventura da modernidade, publicado pela editora Companhia das Letras em 1986. Trata-se de retomar uma interpretação esboçada por ocasião dos 150 anos do *Manifesto Comunista* (RIDENTI, 1998). Investigar a repercussão desse livro de Berman é uma porta de entrada para pensar o entrelaçamento entre o campo intelectual e a indústria cultural no Brasil, bem como as relações entre o mercado e o pensamento de esquerda.

Modernidade e intelectuais em *Tudo que é sólido desmancha no ar*

O título *Tudo que é sólido desmancha no ar* foi tirado de uma célebre formulação do *Manifesto do Partido Comunista*, escrito em 1848 por Marx e Engels (1996). A citação não é gratuita: o Manifesto seria uma formulação genial e criativa sobre a modernidade, entendida como um emaranhado contraditório de experiências de vida compartilhadas pelas pessoas em todo o mundo contemporâneo. “O Fausto de Goethe vem em primeiro lugar no sumário, mas o *Manifesto Comunista* vinha em primeiro lugar na minha cabeça”, segundo Berman (2001, p. 114-115).

¹ Este texto foi apresentado na mesa-redonda “Intelectuais e modernidade”, parte do Seminário Internacional Tradições e Modernidades, realizado na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, de 1 a 4 de setembro de 2009. Também integram a mesa: Maria Alice Resende e Marshall Berman.

Marshall Berman questiona a dualidade entre modernização e modernismo. A modernidade ocorreria simultaneamente na economia e na política, bem como nas artes, na cultura e na sensibilidade. O *Manifesto* seria a primeira grande obra de arte modernista, arquétipo de todos os vários manifestos modernistas que viriam depois dele. Por trás da questão explícita da luta de classes, haveria no *Manifesto* um aspecto menos evidente, porém mais profundo e atual: “a tensão entre a visão ‘sólida’ e a visão ‘diluidora’ de Marx sobre a vida moderna” (BERMAN, 1986, p. 89). Anunciava-se o desenvolvimento ilimitado da produção econômica e também cultural, liberando “a capacidade e o esforço humanos para o desenvolvimento: para a mudança permanente, para a perpétua sublevação e renovação de todos os modos de vida pessoal e social”, nos termos de Berman (1986, p. 93).

Acontece que a sociedade burguesa não pode cumprir sua promessa de abundância para todos, pois os bens produzidos coletivamente são apropriados privadamente por poucos. Assim, sucedem-se as crises de superprodução de mercadorias que não encontram compradores, gerando as condições para que a aparente solidez da sociedade capitalista também se desmanche no ar.

Para Berman, contudo, as crises no capitalismo não levariam necessariamente à sua destruição; nem haveria uma classe que pudesse controlar as “potências infernais” da modernidade, acionadas pelo capitalismo. As crises seriam inesperadas fontes de força e resistência do capitalismo, que se reproduziria numa espiral sem fim de destruição e recriação econômica, política e cultural. A perene autodestruição inovadora envolveria as pessoas na revolução permanente da modernidade:

Para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna, qualquer que seja sua classe, suas personalidades necessitam assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade. Homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar à mudança: não apenas estar aptos à mudança em sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca das mudanças, procurá-las de maneira ativa, levando-as adiante. Precisam aprender (...) a se deliciar na mobilidade, a se empenhar na renovação, a olhar sempre na direção de futuros desenvolvimentos em suas condições de vida e em suas relações com outros seres humanos (BERMAN, 1986, p. 94).

O eixo de *Tudo que é sólido desmancha no ar* é o desenvolvimento do indivíduo moderno e a modernidade como processo subjetivo de autode-

envolvimento ilimitado, que teriam sido abordados pela primeira vez no *Manifesto*. A contemporaneidade da obra de Marx estaria mais nas perguntas formuladas do que nas respostas apresentadas. Não seria o caso de indicar “um caminho que permita sair das contradições da vida moderna, e sim um caminho mais seguro e mais profundo que nos coloque exatamente no cerne dessas contradições” (BERMAN, 1986, p. 125). Caberia mergulhar na modernidade, sem a ilusão de que suas contradições seriam abolidas por uma revolução, que supostamente daria lugar à harmonia social: “Se a sociedade burguesa é realmente o turbilhão que Marx pensa que é, como pode ele esperar que todas as suas correntes fluam numa única direção, de harmonia e integração pacífica?”, pergunta Berman (1986, p. 111).

Uma eventual sociedade comunista só aprofundaria a experiência da modernidade, que seria reposta num fluxo perpétuo. A atualidade do *Manifesto* estaria em sua primeira parte, que analisa o homem desacomodado e despedido do halo de qualquer ilusão metafísica, típico da modernidade, levado a viver os dilemas do mundo assustador. Marx e Engels equacionariam

as polaridades que irão moldar e animar a cultura do modernismo do século seguinte: o tema dos desejos e impulsos insaciáveis, da revolução permanente, do desenvolvimento infinito, da perpétua criação e renovação em todas as esferas de vida; e sua antítese radical, o tema do niilismo, da destruição insaciável, do estilhaçamento e trituração da vida, do coração das trevas, do horror (BERMAN, 1986, p. 100).

Nenhum personagem literário caracterizaria melhor os dilemas da modernidade que o Fausto, de Goethe, confrontado com a “tragédia do desenvolvimento”. Não é à toa que o primeiro capítulo de *Tudo que é sólido desmancha no ar* seja dedicado a esse personagem, portador de um desejo de desenvolvimento que envolve a “afinidade entre o ideal cultural do autodesenvolvimento e o efetivo movimento social na direção do desenvolvimento econômico”. Desenvolvimento que ganharia cores trágicas, pois representaria um “altíssimo custo para o ser humano”, conforme Berman (1986, p. 41-42).

Fausto viveria uma cisão existencial que marcaria os intelectuais ao longo dos séculos XIX e XX, especialmente aqueles dos países subdesenvolvidos, como a Alemanha do tempo de Goethe, a Rússia do século XIX, depois os intelectuais do Terceiro Mundo no século XX. Eles seriam “portadores de

cultura de vanguarda em sociedades atrasadas, experimentaram a cisão fáustica com invulgar intensidade”. Esses intelectuais sofreriam de uma angústia interior que geraria ações e criações revolucionárias, mas também caminhos pelas “sombrias alamedas da futilidade e do desespero” (BERMAN, 1986, p. 44-45).

Então, os intelectuais ganham especial relevo na modernidade, encarando-a talvez como nenhuma outra categoria social. Eis o elo para pensar a modernidade e os intelectuais na sociedade brasileira, particularmente a partir do momento em que o livro de Berman foi publicado no Brasil, no final de 1986, quando o país retomava o processo democrático, após 21 anos de regime militar. Naquele tempo, soava como algo verossímil falar em cisão fáustica nos meios intelectuais; o tema das aventuras na modernidade e no marxismo pareciam atuais e relevantes, embora já num contexto diferente dos anos imediatamente anteriores, de combate à ditadura. Os meios intelectualizados de esquerda brasileiros estavam abertos, por exemplo, para leituras inovadoras da obra de Marx, como aquela de Berman.

A recepção do mercado brasileiro a *Tudo que é sólido desmancha no ar*

O livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, de Marshall Berman, foi publicado em Nova York, em 1982, e teve repercussão na intelectualidade de esquerda norte-americana e europeia². A versão brasileira surgiu em 1986, lançado por uma editora criada na época, com grande ambição intelectual e mercadológica, a Companhia das Letras. Foi um sucesso não apenas de crítica, mas sobretudo de público.

Em menos de um ano, entre novembro de 1986 e setembro de 1987, foram publicados 34.000 exemplares. Até o fim dos anos 1990, chegou-se ao total de 58.500 exemplares em dezesseis reimpressões com tiragem média de dois mil exemplares. Em 2000 e 2001, saíram a 17ª e a 18ª reimpressão, de 1.500 exemplares cada. A 19ª teve 2.000 exemplares em 2003. Uma segunda edição veio em 2005, com uma reimpressão no ano seguinte, ambas de 1.500 exemplares. As vendas do livro revigoraram-se com a edição de bolso, de

² Ver, por exemplo, o debate entre Berman e Perry Anderson pelas páginas da *New Left Review*, em 1984. A crítica de Anderson ao livro de Berman foi publicada no Brasil antes mesmo do livro, na revista *Novos Estudos CEBRAP* (ANDERSON, 1986). A resposta de Berman foi reproduzida pela revista *Presença* (BERMAN, 1987). Esse texto reaparece com o título “Os sinais nas ruas”, em *Aventuras no marxismo* (BERMAN, 2001, p. 172-191).

5.000 exemplares, em 2007, mais 1.000 na reimpressão de 2008. Ou seja, houve 16.000 cópias publicadas desde o ano 2000, o que atesta que o livro continua tendo público cativo na sociedade brasileira, após o estouro de vendas em seu primeiro ano de edição³.

Em suma, já circularam 74.500 exemplares dessa obra no Brasil, número por si só impressionante, ainda mais expressivo se considerarmos que, em geral, os livros de ciências humanas saem no Brasil com tiragem de 2.000 exemplares e raramente são reimpressos ou reeditados.

Esses dados sobre a edição de *Tudo que é sólido desmancha no ar* remetem, antes de tudo, ao tema intrincado da relação entre o mercado e as ideias de esquerda. Berman coloca assim sua posição a respeito:

até mesmo as idéias mais subversivas precisam manifestar-se através dos meios disponíveis no mercado. Na medida em que atraíam e insuflam pessoas, essas idéias se expandirão e enriquecerão o mercado, colaborando, pois, para “incrementar o capital”. Assim, se admitirmos que a visão de Marx é adequada e precisa, teremos todas as razões para acreditar que a sociedade burguesa gerará um mercado para idéias radicais. Esse sistema requer constante perturbação, distúrbio, agitação; precisa ser permanentemente empurrado e pressionado para manter a própria elasticidade e capacidade de recuperação, para assenhorear-se de novas energias e assimilá-las, para locomover-se na direção de novas alturas de atividade e crescimento. Isto quer dizer, porém, que todos os homens e movimentos que se proclamem inimigos do capitalismo talvez sejam exatamente a espécie de estimulantes que o capitalismo necessita. (...) Nesse clima, então, intelectuais radicais encontram obstáculos radicais: suas idéias e movimentos correm o risco de desmanchar no mesmo ar moderno em que se decompõe a ordem burguesa que eles tentam sobrepujar (BERMAN, 1986, p. 115).

Para usar os termos do autor, como pensar o “mercado para ideias radicais” na sociedade brasileira? As relações de intelectuais e artistas críticos da ordem estabelecida no Brasil com o mercado vêm de longa data. Por exemplo, é conhecida a importância de dramaturgos, atores, músicos e outros artistas comunistas na constituição da Rede Globo de Televisão, o grande empreendimento da indústria cultural que floresceu sob as asas da ditadura militar⁴.

³ Esses e todos os dados sobre tiragens de livros que aparecem neste artigo foram gentilmente cedidos pela editora Companhia das Letras.

⁴ Ver, por exemplo, *A moderna tradição brasileira – cultura brasileira e indústria cultural*, de Renato Ortiz (1988).

O problema da relação dos intelectuais críticos com o mercado é muito mais candente para os artistas, cuja produção se encontra no centro da indústria cultural. E isso vale não só para aqueles marxistas ou comunistas. A questão é explicitada, por exemplo, pelos herdeiros do tropicalismo, como Caetano Veloso. Em seu livro de memórias, *Verdade tropical*, ele expressa bem os dilemas e o assombro dos artistas críticos de sua geração diante do mercado cultural que se firmava e crescia como nunca na sociedade brasileira a partir dos anos 1960. O mercado seria, simultânea e contraditoriamente, o inevitável monstro a expandir seus tentáculos, banalizando as artes; e uma conquista nacional para o Brasil, necessária para seus artistas competirem em escala internacional. Numa condensação da ambiguidade diante do mercado, Caetano afirma que os cantores populares

teriam cedo ou tarde que exhibir, de forma mais ou menos nobre em cada caso, as marcas de origem da atividade que escolheram: produção de canções banais para competir no mercado. (Sendo que, no Brasil, o crescimento desse mercado significa, em si mesmo, uma conquista nacional) (VELOSO, 1997, p. 238).

Retomando o livro de Berman, para compreender seu sucesso comercial, vale lembrar que ele foi publicado durante a breve euforia consumista gerada pelo Plano Cruzado, que aparentemente viera conter a inflação e estabilizar a economia. Deve-se levar em conta ainda que se trata de um produto bem-acabado da indústria editorial, que entrava em outro patamar na sociedade brasileira na década de 1980. No que se refere às editoras voltadas ao meio intelectual e acadêmico, com forte produção na área de ciências humanas, havia uma tradição consolidada nos anos anteriores, em que eram comuns editoras semiprofissionais, por vezes artesanais, comprometidas ao mesmo tempo com a obtenção de lucro e com a difusão de ideias críticas da ordem estabelecida. Em meio a elas, afirmavam-se empreendimentos voltados ao “mercado para ideias radicais”. Os anos 1960 viram o êxito de editores engajados politicamente, como Ênio Silveira, dono da Civilização Brasileira, e Jorge Zahar, da Zahar Editores. Eles estavam em sintonia com a intelectualidade “fáustica” da época e foram responsáveis pela publicação no Brasil das melhores obras de ciências sociais produzidas no exterior, incentivando também autores nacionais, o

que lhes deu de um lado prestígio e bons negócios, mas de outro envolveu a perseguição da ditadura.

Nos anos 1970 e 1980, a editora Brasiliense, dirigida por Caio Graco Prado, deu um salto na profissionalização do mercado editorial voltado para os setores intelectualizados da população, cada vez mais amplos, com o crescimento do acesso ao ensino superior⁵. A Brasiliense, contudo, talvez ainda tenha sido uma transição para o modelo profissional e com presença marcante na *media*, de que seria exemplo a editora Companhia das Letras, dirigida por Luiz Schwarcz, que iniciara a carreira na Brasiliense, logo ocupando lugar de destaque como diretor editorial, o que lhe permitiria outros voos.

Luiz Schwarcz abriu uma pequena editora que funcionava inicialmente nos fundos de uma gráfica no bairro paulistano da Barra Funda. A empreitada foi possível a partir dos conhecimentos e contatos profissionais, intelectuais, mercadológicos e na imprensa obtidos não só por intermédio da experiência na Brasiliense, mas também pela formação de seu fundador, que estudou administração de empresas na prestigiosa Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, onde se formavam os principais empresários do país.

O primeiro livro editado, em outubro de 1986, foi a tradução de *Rumo à estação Finlândia*, de Edmund Wilson, obra de 1940, célebre nos meios de esquerda. Nela, o jornalista norte-americano narra – em linguagem sedutora e tom irreverente – a saga da intelectualidade radical, da revolução francesa à russa, de Michelet a Lênin, passando pelos socialistas utópicos, por Marx, Engels, Trotski e outros intelectuais revolucionários (WILSON, 1986).

Naqueles anos de 1980, marcados no Brasil pela transição da ditadura militar e civil à democracia, havia um público cativo para o “encanto radical”, para usar uma expressão que dava título a uma coleção de livros de bolso da época, editada pela Brasiliense. Isso pode ser atestado ainda pela publicação da série *Os economistas*, que a editora Abril Cultural colocava à venda em bancas de jornal de todo o país. Obras dos autores mais célebres da ciência econômica foram reproduzidas aos milhares. Incorporavam-se

⁵ Evidentemente, trata-se apenas de algumas editoras importantes – cuja clientela preferencial seria o meio intelectualizado –, não de sua totalidade. A consolidação da indústria cultural na publicação de livros passou também pelas editoras que massificaram sua produção, vendendo em bancas de jornal – como a Abril Cultural –, e pelas editoras voltadas preferencialmente para o enorme mercado do livro didático. Por outro lado, ainda há até hoje várias pequenas editoras alternativas, ao mesmo tempo buscando o lucro e afinadas com o que resta do que Berman chamaria de intelectualidade fáustica.

também clássicos do pensamento econômico socialista, como *O capital*, de Marx, publicado em cinco tomos, entre 1983 e 1985 (MARX, 1983). E não só: foram contemplados autores como Lênin, Rosa Luxemburgo, Bukharin, Mandel e outros. Eram edições muito bem-cuidadas no aspecto formal, com boas traduções, em trabalho organizado profissionalmente por Jacob Gorender, que havia sido um intelectual destacado do Partido Comunista dos anos 1940 aos 1960.

A série *Os economistas* buscava seguir o exemplo de sucesso da coleção *Os pensadores*, vendida em bancas nos anos 1970, tornando acessíveis obras de dezenas de autores clássicos do pensamento ocidental. Foi assim que, em 1974, em plena ditadura, podia-se comprar em qualquer esquina o vol. XXXV da coleção, que trazia obras de Marx, como “O dezoito Brumário de Luís Bonaparte” (MARX, 1974).

Assim, o sucesso de *Rumo à estação Finlândia* veio num contexto em que se consolidara um expressivo nicho de mercado para obras de esquerda. No início, o livro de Wilson apresentou números ainda mais impressionantes do que aqueles da venda de *Tudo que é sólido desmancha no ar*, que a Companhia das Letras publicaria apenas um mês depois. Em pouco menos de um ano, *Rumo à estação Finlândia* teve sete reedições, com 41.000 livros. Em agosto de 1989, chegou a 54.000 exemplares em nove reedições.

Contudo, ao contrário da obra de Berman, que manteria uma venda constante nos anos 1990, o livro de Wilson apresentou queda expressiva naquela década. Sua última grande tiragem, de 3.000 exemplares, foi em 1989 — ano que se tornaria emblemático internacionalmente pela queda do muro de Berlim, simbolizando o fim da guerra fria e da chamada cortina de ferro, bem como a derrocada do socialismo realmente existente no leste europeu. Ao passo que, no cenário político brasileiro, 1989 foi marcado pela vitória de Collor e da direita contra Lula, Brizola e as forças de esquerda nas eleições presidenciais do final daquele ano. Os ventos já não sopravam favoravelmente aos críticos da ordem estabelecida. Esvaía-se o público encantado pela radicalidade da biografia dos intelectuais retratados por Wilson. Na década de 1990, seu livro teve apenas três reimpressões, de mil exemplares cada uma, em 1993, 1995 e 1998. A 13ª reimpressão só saiu em setembro de 2003, com mil exemplares. A venda da obra só retomaria algum fôlego com a primeira impressão em formato de bolso, de outubro de 2006, com 8.000 exemplares, não esgotados até setembro de 2009.

Rumo à estação Finlândia e Tudo que é sólido desmancha no ar abriam um extenso catálogo de êxito da Companhia das Letras, que viria a se estabelecer como uma das editoras de maior prestígio intelectual e sucesso comercial nas ciências humanas e na literatura até os dias de hoje, diversificando muito seu catálogo⁶. Ainda comparando as tiragens dos livros de Wilson e de Berman, o primeiro chegaria a 64.000 exemplares tirados até 2009, o segundo a 74.000. Ambos venderam muito logo após a primeira edição, o de Wilson em primeiro lugar, mas a vendagem da obra de Berman passou à frente, parece ter mantido mais interesse do público ao longo dos anos, a julgar pelas reimpressões constantes.

Talvez uma pista para entender o contraste esteja no fato de que o tema explícito da obra de Wilson, o encanto radical de intelectuais revolucionários, entraria em baixa junto ao público leitor a partir dos anos 1990. Já o livro de Berman — que de certa forma é herdeiro da tradição de Wilson e de sua radicalidade⁷ — teve melhor sorte. Até porque seu tema central é a modernidade, ligada à capacidade de as pessoas se adaptarem aos constantes e imprevisíveis turbilhões de mudanças a que ela leva em todos os aspectos da vida, como davam testemunho os acontecimentos do final dos anos 1980 em escala global. Continuam a impor-se metamorfoses constantes que afetam o cotidiano das pessoas, aspecto central de *Tudo que é sólido desmancha no ar*, que assim conquista mais leitores.

Um novo livro de Berman viria a ser editado pela Companhia das Letras em 2001, intitulado *Aventuras no marxismo*. Foram tirados 5.000 exemplares em maio daquele ano, com uma reimpressão de 1.500 cópias em junho de 2008. São números compatíveis com a média de uma edição de sucesso para autores de ciências humanas, mas muito inferiores ao do *best seller Tudo que é sólido desmancha no ar*. *Aventuras no marxismo* reúne ensaios de Berman ao longo dos anos, sem a mesma pretensão de seu grande livro, mas não parece ser esse o aspecto central para compreender a disparidade de vendas entre os dois no Brasil.

O público hoje interessado em aventuras no marxismo é relativamente muito mais restrito do que era nos anos 1980, quando o tema parecia ter atu-

⁶ De outubro a dezembro de 1986, a Companhia das Letras editou oito livros. Seriam mais 34 no ano seguinte. Os números foram crescendo gradativamente, ano a ano, até alcançar 244 títulos lançados em 2008. Ver os dados em: www.companhiadasletras.com.br/20anos/titulos_especificos.php3.

⁷ Ver, por exemplo, a resenha elogiosa de Berman, intitulada "Ainda à espera na estação", por ocasião da reedição do livro de Wilson nos Estados Unidos, em 1972 (BERMAN, 2001, p. 72-79).

alidade, ao menos na sociedade brasileira. Ainda soava como algo moderno aos ouvidos de setores sociais expressivos, integrantes dos então chamados novos movimentos sociais, e também nos meios intelectuais que estavam em rápida transformação. Para muitos, esse tema parece hoje *démodé* ou até peça de arqueologia, objeto perdido no passado, de interesse apenas para historiadores e cientistas sociais, não mais algo vivo e contemporâneo que expressa os dilemas da vida no início do século XXI. Talvez isso ajude a compreender por que o *Aventuras no marxismo* passou quase em branco também para a crítica.

Ademais, esse livro de Berman foi editado junto com muitos outros da então já estabelecida e consagrada editora Companhia das Letras, um a mais em seu imenso e variado catálogo, sem o investimento inicial que a obra anterior de Berman obtivera no período fundador da casa, que editou também seu último livro, intitulado *Um século em Nova York — espetáculos em Times Square* (BERMAN, 2009). É possível que o “tour histórico cultural pelo coração de Manhattan”, como o livro é definido no texto da quarta capa, trate de um tema que atraia mais leitores do que *Aventuras no marxismo*, mas dificilmente atingirá o sucesso de *Tudo que é sólido desmancha no ar*, que só pode ser compreendido pela conjunção de uma série de fatores no momento em que foi lançado. Tome-se agora mais um deles: o livro estava afinado com o fim do ciclo das vanguardas na história da esquerda brasileira e com a representação do intelectual que nele prevalecera.

Do ciclo das vanguardas ao ciclo das bases: “sinais das ruas”

Ao menos desde os anos 1930, até o início da década de 1970, a história da esquerda brasileira foi marcada pelo que se poderia chamar o *ciclo das vanguardas*, que acompanhou o desenvolvimento econômico acelerado e a consolidação do modo de produção capitalista no Brasil, a partir da modernização conservadora imposta por duas ditaduras, no período em que se estabelecia no país uma típica sociedade de classes. Influenciada pelo modelo revolucionário leninista e depois pelas revoluções chinesa e cubana, a maior parte da esquerda brasileira acreditava em concepções de vanguarda relativamente diversificadas, mas que tinham em comum a aposta na organização de vanguardas políticas e/ou armadas dos trabalhadores ou do povo, organizadas em partidos ou grupos aguerridos, de quadros conscientes das leis da História, que poderiam guiar o conjunto dos trabalhadores, dos

despossuídos ou mesmo do conjunto do “povo” para realizar a revolução brasileira, fosse ela nacional-democrática ou socialista.

Como é sabido, a ideia de vanguarda (*avant garde*) tem origem nos combates militares: alguns colocam-se à frente do restante da tropa, avançam, conduzindo os demais, protegidos por uma retaguarda. Politicamente, a concepção de vanguarda vincula-se aos bolcheviques, triunfantes na revolução russa de 1917, tornando-se exemplo de organização para a esquerda mundial: o Partido — organizado secreta e centralizadamente — colocava-se como a vanguarda condutora das lutas do proletariado, seu organizador político, portador da análise científica da História, elaborando uma consciência de classe revolucionária.

Durante o ciclo das vanguardas, era complexa a relação dos intelectuais com os partidos e movimentos de esquerda no Brasil, especialmente para aqueles que eram militantes orgânicos e conviviam em constante tensão com os dirigentes. Esses mostravam-se desconfiados dos intelectuais e permanentemente temerosos de perder seu lugar para eles, mais bem preparados teoricamente. Afinal, se o Partido de vanguarda pretendia desvendar as leis da História para conduzir a revolução, era de se esperar que os intelectuais ocupassem nele um lugar de destaque, a exemplo de Lênin, Trotski, Bukharin e muitos líderes bolcheviques, que eram também intelectuais, como haviam sido Marx e Engels, e depois vários dirigentes da II e da III Internacional. Os intelectuais e demais militantes deveriam dedicar sua vida ao partido, por vezes sacrificando sua individualidade e vida pessoal.

Por certo, nem todo intelectual de esquerda era militante em partidos, mas muitos deles eram seus companheiros de viagem na luta pela revolução brasileira. Por exemplo, nos anos 1950 e 1960, foi muito expressiva a influência na intelectualidade brasileira das ideias difundidas por Jean-Paul Sartre acerca da relevância do engajamento político dos intelectuais. O pensamento de Sartre não era portador de uma ética do sacrifício, mas incentivava o engajamento existencial mais profundo dos intelectuais com a revolução⁸.

Não seria o caso de analisar agora a relação entre intelectuais e partidos de esquerda⁹. Mas vale constatar que, no caso brasileiro, após a derrota da

⁸ Ver, por exemplo, seu ensaio “*Qu’est-ce que la littérature?*”, publicado pela primeira vez em 1947, subdividido em diversas partes, na revista *Les Temps Modernes*, que Sartre fundara em 1945 (SARTRE, 1989).

⁹ Tratei do tema, no que se refere à década de 1950 no Brasil, em Ridenti (2008). Sobre os anos 1960 e 1970, ver Ridenti (2000).

esquerda armada em meados dos anos 1970, davam-se claros sinais do fim do ciclo das vanguardas e, com ele, de mudanças expressivas do lugar do intelectual na luta política. Iniciava-se um novo ciclo, marcado na política pelo surgimento em 1980 do Partido dos Trabalhadores (PT), que passaria a deter a hegemonia nas esquerdas, no lugar do tradicional e clandestino Partido Comunista Brasileiro (PCB). Então, uma típica sociedade de classes já estava estabelecida no país. Sua complexidade e fragmentação dificultariam a organização de vanguardas politicamente significativas. Ademais, a derrota de 1964, seguida pelo esmagamento da esquerda armada nos anos seguintes — em que as vanguardas distanciaram-se das massas, como se dizia no jargão da época — colocava a necessidade de repensar a política de esquerda, bem como o lugar atribuído ao intelectual dentro e fora dela.

Não era só a concepção do intelectual orgânico dos partidos que ficava em xeque, mas a própria tradição que vinha desde o caso Dreyfus, a exigir a intervenção do intelectual no terreno político, comunicando seu pensamento à sociedade, com a autoridade de quem formula ideias que encarnam o espírito crítico contra qualquer tipo de conformismo. Questionava-se o intelectual como “uma espécie de missionário e, se necessário, de confessor ou de mártir dos grandes princípios em meio aos Bárbaros”, para tomar a formulação de Ory e Sirinelli (1992, p. 9).

Na sociedade brasileira, do final dos anos 1970 à década de 1980, no turbilhão da transição da ditadura à democracia, entravam em crise tanto a ideia do intelectual que encarnava as leis da História como militante de um partido de vanguarda, como a do intelectual engajado em ensinar aos trabalhadores ou ao povo ignorante as verdades do seu saber. As respostas para a crise foram diversificadas no meio intelectual comprometido com propostas de esquerda: além daqueles que insistiam no modelo em crise, surgiam os que buscavam outro tipo de engajamento, no contexto de surgimento dos chamados “novos movimentos sociais”. Os intelectuais teriam mais a aprender com esses movimentos do que a ensinar a eles. Os trabalhadores e o povo pareciam demonstrar capacidade de organização e luta autônoma, independentemente de qualquer tutela intelectual ou partidária. Mas a resposta para a crise poderia ser uma terceira: o desligamento dos intelectuais do engajamento político, concentrando-se em suas carreiras profissionais e na observação supostamente neutra e descomprometida da sociedade.

Tudo que é sólido desmancha no ar chegou ao público brasileiro em meio

a essa crise dos intelectuais, numa sociedade que acabara de sair de governos militares. Suas ideias viriam a calhar naquele momento de reconfiguração da intelectualidade que questionava antigas certezas, vendo-se imersa e por vezes perdida num turbilhão de mudanças políticas, sociais e culturais. Ao propor a necessidade de os indivíduos estarem permanentemente abertos à mudança, às transformações da modernidade, o livro de Berman encontrava eco, paradoxalmente, tanto nos que buscavam um novo paradigma de engajamento, sintonizado com os “sinais das ruas” — para usar em outro contexto o termo de Berman (2001, p. 172) em resposta às críticas de Perry Anderson — como para aqueles que abandonavam o engajamento político.

Naquele momento, a esquerda brasileira vivia um ciclo que se pode denominar “das bases”, animado pelos novos movimentos sociais, pelo novo sindicalismo, pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), ligadas à Teologia da Libertação, enfim, pela mobilização social de trabalhadores urbanos e rurais, incluindo setores significativos das classes médias, no período da transição democrática. Esse ciclo corresponde ao amadurecimento de um processo histórico, social, político, econômico e cultural da sociedade brasileira ao longo do século XX. A produção em moldes capitalistas avançados generalizava-se, gerando uma crescente urbanização¹⁰. Paralelamente, a partir do fim da década de 1970, avançavam as lutas dos trabalhadores por direitos sociais.

No ciclo das bases, as concepções vanguardistas foram contestadas, mas a valorização das lutas populares autônomas não prescindia da necessidade de partidos, que deveriam ser a expressão política fiel de suas bases. Havia a crítica aos partidos de quadros de inspiração marxista-leninista, mas ao mesmo tempo difundia-se a frase de Marx: a emancipação da classe trabalhadora é obra da própria classe. Conforme a interpretação dos setores hegemônicos de esquerda na sociedade brasileira dos anos 1980, isso queria dizer que a emancipação viria das bases e não de sua suposta vanguarda. No que se refere aos intelectuais, eles deveriam colocar-se mais como aprendizes do que como professores da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, não mais a serviço de um partido centralizado de quadros, mas das bases populares e supostamente autônomas de um novo tipo de partido¹¹.

¹⁰ Os censos do IBGE revelam que, em 1950, 36,16% da população era urbana; em 1960, 44,67%; em 1970, 55,92%; em 1980, a população urbana já chegou a 67,59% (32,41% rural). Conforme o censo de 2000, 81,25% da população vivia em cidades.

¹¹ Com o esvaziamento da mobilização popular de base dos anos 1970-80, começaram a evidenciar-se os limites dos discursos ideológicos que a acompanharam, a celebrar a autonomia das bases, organizadas

Até mesmo os antigos partidos e organizações de inspiração marxista-leninista mostravam-se sensíveis à ascensão dos movimentos populares. Era o caso de pequenos grupos – como os trotskistas – atuantes como tendências dentro do hegemônico PT a valorizar as lutas de massas e a organização pela base. E também dos antigos Partidos comunistas, legalizados em meados dos anos 1980, com atuação cada vez mais institucional, mas com dificuldades crescentes para dirigir os trabalhadores e despossuídos em geral.

Então, a receptividade de público e de crítica a *Tudo que é sólido desmancha no ar* não pode ser compreendida senão no momento que se vivia, a envolver redefinições no pensamento e na prática da esquerda brasileira, que tradicionalmente conta com a militância ou o apoio de intelectuais. Esgotava-se o ciclo das vanguardas em sua história. Uma parte dessa esquerda abria-se para os sinais das ruas. Redimensionava-se o lugar do intelectual no processo de transformação. O livro de Berman era útil no acerto de contas que estudantes, artistas, profissionais liberais, professores – enfim, a intelectualidade num sentido amplo – fazia com seu passado recente de combate a uma ditadura que se encerrava.

A repercussão de *Tudo que é sólido desmancha no ar* nos meios intelectuais brasileiros

Os termos da resposta de Berman às críticas de Perry Anderson ajudam a entender sua recepção no Brasil. Ele não refutou os questionamentos de Anderson ponto por ponto, preferiu fazer considerações gerais sobre o quanto as ideias de seu crítico estariam distantes da experiência cotidiana caótica e moderna das pessoas. A exemplo de tantos intelectuais, Anderson teria perdido “o contato com as coisas e com o fluxo da vida cotidiana”. Berman indagava “se a modernidade pode ainda gerar fontes e espaços de significação, de liberdade, dignidade, beleza, prazer e solidariedade”, concluindo que “ler *O Capital* não será suficiente se não soubermos ler também os sinais da rua” (BERMAN, 2001, p. 138). Essa

em movimentos populares, no novo sindicalismo e nas CEBs. Os movimentos cujas reivindicações eram negadas pela ditadura tenderam a ser reconhecidos como atores políticos e sociais legítimos com a democratização, e a ter parte de suas reivindicações atendidas. Em geral, os movimentos sociais perderam pujança; o novo sindicalismo mostrou-se parecido com o velho; a atuação dos setores católicos de esquerda enfrentaria refluxo notável; o PT burocratizou-se e converteu-se num partido da ordem. O cenário político e econômico tampouco favoreceu propostas de organização popular, em sindicatos, partidos e movimentos. Talvez o refluxo seja provisório, mas ao que tudo indica o ciclo das bases já faz parte da história passada.

disposição de ouvir os sinais das ruas tinha um apelo significativo para o público brasileiro dos anos 1980, como se tem argumentado.

A resposta de Berman às críticas de Anderson foi publicada no Brasil pela *Presença*, revista pequena, porém significativa, composta majoritariamente por intelectuais que haviam deixado recentemente o Partido Comunista Brasileiro, afinados com o então chamado eurocomunismo e com a proposta de democracia como valor universal. Eles eram críticos do PT, que acusavam de não dar o devido valor à democracia e à representação política institucional. Por aí se vê que a ressonância da obra de Berman era significativa em diversos setores da esquerda intelectual.

Naquele momento, o marxismo ainda era expressivo nos meios intelectualizados. Já não tinha a mesma influência dos anos 1960 e 1970, quando interpretações variadas do materialismo histórico foram predominantes em importantes círculos intelectuais e acadêmicos, antes do golpe de 1964 e especialmente nos primeiros anos de vigência da ditadura que ele instalou no poder. Nos anos 1980, pode-se constatar a permanência da força da tradição marxista de pensamento no fato de a prestigiosa revista *Novos Estudos CEBRAP* – produzida pelo centro de pesquisas mais conhecido do Brasil – publicar a crítica de Perry Anderson ao livro de Berman em junho de 1986, ainda antes de sua edição no Brasil, em novembro daquele ano. Com isso, mostrava-se certa desconfiança em relação a suas ideias, mas ao mesmo tempo aguçava-se o interesse dos leitores para conhecer a obra criticada, ajudando a preparar o terreno para o sucesso que viria a conhecer pouco tempo depois.

Um aspecto a considerar, para compreender a repercussão de *Tudo que é sólido desmancha no ar* nos meios intelectuais brasileiros, é sua oposição

aos expoentes tradicionais do comunismo, que, desde Platão e os padres da Igreja, valorizaram o auto-sacrifício, desencorajaram ou condenaram a individualidade e sonharam com um projeto tal em que só a luta e o esforço comuns atingiriam o almejado fim (BERMAN, 1986, p. 96).

Ao contrário dessa tradição, Berman salienta a proposta do *Manifesto comunista*, segundo a qual “o livre desenvolvimento de cada um será a condição para o livre desenvolvimento de todos” (BERMAN, 1986, p. 95). Marx e Engels apontariam para uma sociedade de indivíduos plenamente

desenvolvidos, realçando a liberdade individual como pré-requisito para a liberdade coletiva.

Na década de 1980, questionava-se a ética que predominara na esquerda brasileira até os anos 1970, de sacrifício da individualidade em nome do coletivo, típica por exemplo de organizações políticas marxistas-leninistas. No processo de transição democrática, após a lei da anistia aos condenados políticos pela ditadura, de 1979, o ressurgimento do pluripartidarismo em 1980, as eleições diretas para os governos dos estados de 1982 e o fim do governo do general Figueiredo em 1985 mudavam a cena política brasileira. Impunha-se a renovação dos parâmetros da esquerda, em busca da revalorização da democracia, da individualidade, das liberdades civis, dos movimentos populares espontâneos, da cidadania, da resistência cotidiana à opressão, das lutas das minorias, dentre outras.

Nesse contexto, já não havia justificativa para o autossacrifício em nome do Partido e da revolução. Se a renúncia da individualidade parecera fazer sentido em conjunturas passadas, isso já não ocorreria no presente. Indivíduos e grupos brasileiros que faziam o acerto de contas com seu passado de militância podiam identificar-se com a leitura do *Manifesto* feita por Berman, a reiterar que o desenvolvimento de cada um é a base para o livre desenvolvimento de todos. A muitos já não parecia adequado atuar em partidos que impusessem aos militantes o que Daniel Aarão Reis chamou de “estratégia da tensão máxima”¹². O livro de Berman foi, então, bem-recebido em meios que pretendiam instaurar novas práticas e pensamentos de esquerda. Instigava os que viam na tradição marxista de pensamento importante recurso para compreender e transformar a realidade, desde que o materialismo histórico não virasse um dogma.

Ademais, no cenário internacional, imperava o neoliberalismo da chamada era Reagan-Thatcher, na qual visões de mundo conservadoras ganhavam destaque, até mesmo no âmbito da cultura e das artes. Por exemplo, difundia-se o *pós-modernismo*, também influente no Brasil dos anos 1980. Assim, contra o avanço do pós-modernismo, as ideias de Berman podiam fornecer argumentos para os que defendiam a noção de modernidade. Por

¹² A estratégia da tensão máxima envolveria uma série de mecanismos: o *complexo da dívida* do militante com a organização comunista, o *leque das virtudes* do revolucionário modelo, o massacre das tarefas com que o Partido sobrecarregaria seus integrantes, a *celebração da autoridade* dos dirigentes, a ambivalência das orientações partidárias, bem como a *síndrome da traição* – pela qual seriam renegados aqueles que deixassem o Partido (REIS, 1991).

exemplo, Francisco Foot Hardman, um dos responsáveis pela edição brasileira de *Tudo que é sólido desmancha no ar*, escreveu na orelha do livro que “o pós-modernismo recente parecerá o que deve parecer: chatice repetitiva e sectária, em meio a uma era atônita que perdeu, enfim, o contato com as raízes de sua própria modernidade”.

Um bom livro leva a “ressonâncias que seu criador jamais poderia ter antevisto”, como propõe Berman (1986, p. 116). Ele não poderia antever a receptividade de sua obra por setores intelectualizados brasileiros, que encontravam nela elementos para encarar os novos dilemas políticos e subjetivos postos aos intelectuais que haviam feito oposição à ditadura militar. Além das intenções do autor, que provavelmente seria simpático à leitura libertária feita na época por uma parte da intelectualidade de esquerda em sintonia com os “sinais das ruas”, há uma possibilidade de apreciação de seu livro com a qual ele por certo não simpatizaria.

É que o acento na individualidade, presente em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, pode ser interpretado também com veio liberal ou mesmo narcisista. Além do texto de Berman ter sido bem-recebido no Brasil pelo seu lado libertário, ele também o foi porque naquele tempo difundia-se uma concepção liberal do indivíduo que deixava para trás o paradigma de intelectual fáustico, indignado e dilacerado pelas contradições da sociedade capitalista, agravadas nas condições de subdesenvolvimento. Nos anos de 1980, passava a ganhar força o modelo de intelectual profissionalizado, competente e competitivo no mercado das ideias, centrado na carreira e no próprio bem-estar individual.

A possibilidade de leitura neoliberal do livro de Berman estava presente na crítica de Perry Anderson – que talvez tenha irritado Berman, já que ele se considerava inimigo convicto das políticas de Ronald Reagan. Na interpretação de Anderson, a perspectiva de Berman podia implicar, involuntariamente, uma leitura do *Manifesto* ajustada à maré então montante do narcisismo da era Reagan:

Apesar de toda a sua exuberância, a versão que Berman dá de Marx, enfatizando de modo virtualmente exclusivo a liberação do eu, acaba por aproximar-se desconfortavelmente – por mais radical e decente que seja seu tom – das suposições da cultura do narcisismo (ANDERSON, 1986, p. 14).

A análise de Berman, ao enfatizar o “eu” moderno e o autodesenvolvimento *ilimitado* do indivíduo na modernidade, dá margem a leituras tanto libertárias como liberais de seu livro. Os limites entre a individualidade libertária e a narcisista pode ser muito tênue, abrindo a hipótese de uma interpretação conservadora de *Tudo que é sólido desmancha no ar*, conveniente a setores intelectualizados na sociedade brasileira da segunda metade da década de 1980, em busca de justificativas para mudanças que implicavam o abandono de propostas de transformações sociais estruturais na sociedade brasileira, ou então àqueles que nunca se engajaram politicamente.

O *Manifesto Comunista* pode ser lido, à luz da interpretação de Berman, como um texto genial que, ao invés de corresponder às esperanças radicais de seus autores, apresentaria intuições críticas sobre a tendência à reprodução infinita da sociedade capitalista, restando a seus opositores enfrentar direta e abertamente os dilemas da modernidade (BERMAN, 1986, p. 116). Pois bem, provavelmente à revelia do que Marshall Berman pretendesse, muitos podem concluir dessa leitura que, mostrada a inviabilidade das esperanças revolucionárias, o melhor é fruir a perpétua reposição das contradições da modernidade, ao invés de lutar para superá-las.

Então, *Tudo que é sólido desmancha no ar* foi lido no Brasil por pessoas interessadas em compreender melhor a modernidade e suas experiências de vida, em meio às mudanças locais e mundiais do anos 1980, quer para dar um salto qualitativo em sua participação política e social, quer para abandonar o compromisso coletivo com transformações socializantes. No primeiro sentido – nas palavras de Berman, em resenha de 1998 sobre uma nova edição do *Manifesto Comunista* –, as pessoas perceberiam que

precisam umas das outras para ser elas mesmas. (...) Ser solidário não é se sacrificar, mas se realizar como indivíduo. Aprender a se dar aos outros trabalhadores, que podem ter uma aparência e uma maneira de falar muito diferentes da sua, mas são iguais a você no fundo, liberta o indivíduo do pavor e lhe dá um lugar no mundo (BERMAN, 2001, p. 290).

Já um outro texto do próprio Berman ajuda a compreender a rota de fuga da solidariedade dos intelectuais com os demais trabalhadores. Numa resenha de 1985 acerca de livros de e sobre Lukács, Berman observa:

Para Lukács, uma das forças mais pérfidas do capitalismo moderno é sua capacidade de mobilizar a energia de nossos intelectos – e de nossos intelectuais – para turvar nossa visão e paralisar nossa vontade, para nos reduzir a espectadores passivos de qualquer que seja o destino que o mercado reserve para nós (BERMAN, 2001, p. 211).

Ora, então as metamorfoses constantes impostas pelo mercado podem implicar não só que indivíduos, grupos e classes tornem-se sujeitos de sua história, como também que se acomodem com as mudanças colocadas pelo mercado, independentemente de suas vontades, como se o turbilhão de mudanças impusesse um destino contra o qual não seria possível lutar, mas apenas adaptar-se a ele.

Nesse sentido, *Tudo que é sólido desmancha no ar* pode ter sido bem-aceito pelo mercado apenas como um produto de qualidade, muito bem-trabalhado pelo *marketing* de sua editora, devidamente embalado como radicalismo inofensivo para o consumo de uma multidão de Narcisos – muitos dos quais talvez mais interessados em colocar na estante os livros da editora da moda do que propriamente em lê-los. É claro que essa possibilidade de interpretação desagradaria ao autor, para quem o livre desenvolvimento dos indivíduos envolve a consciência das pessoas de que “as coisas *podem* ser melhores, de que elas [as pessoas] têm o poder de transformar e renovar o mundo” (BERMAN, 2001, p. 212). Para ele, na conclusão de seu escrito sobre Lukács:

Talvez, quem sabe, consigamos viver para ver o dia em que as pessoas não querem ser mercadorias num mercado, ainda que sejam mercadorias de luxo, e as pessoas que não querem ser itens num plano, ainda que sejam itens de prioridade máxima, descubram-se umas às outras e batalhem juntas por aquilo que Lukács chamou de “democracia da vida cotidiana” (BERMAN, 2001, p. 228).

Porém, *malgré lui-même*, ao ressaltar a importância do “eu” moderno, o livro de Berman teria ressonâncias que não poderia prever. As pessoas podem estar inconscientes das engrenagens do mercado em constante mutação, a coisificar os indivíduos e as relações sociais. Mas também podem concluir com plena consciência, particularmente os intelectuais, que é melhor adaptar-se às mudanças do mercado do que pretender transformá-lo, usufruindo pessoalmente da modernidade, sem considerar o que Berman

chama de “significado profundo das muitas formas de reificação confortável que passam por vida” (2001, p. 228).

Quando *Tudo que é sólido desmancha no ar* foi publicado no Brasil, estava em declínio o arquétipo de intelectual de esquerda dos anos 1960, engajado politicamente, buscando ligar-se aos trabalhadores e ao povo. Nas críticas e autocríticas hoje predominantes, aquele tipo de intelectual é visto como fruto do populismo, a manipular os anseios populares, ou como um ser quixotesco de um tempo de utopias que não voltam mais. Aos poucos, foi predominando o protótipo do intelectual profissionalizado, desvinculado de compromissos políticos, centrado em sua carreira, muitas vezes na universidade. Tornaram-se comuns ainda os intelectuais – por vezes adeptos de propostas revolucionárias no passado – que exercem cargos em governos que adotam medidas neoliberais. Trabalham como técnicos a serviço do funcionamento saudável da ordem estabelecida, sem maiores dramas de consciência, talvez se agarrando ainda à ideologia de que estão no poder para o bem do povo e da nação, uma vez amadurecidos e livres das utopias voluntaristas dos anos 1960, que só aparentemente teriam sido revolucionárias.

Pode-se imaginar esses intelectuais surfando prazerosamente nas ondas imprevisíveis do oceano da modernidade, mas fica mais difícil encontrar neles o que Berman chamou de cisão fáustica do intelectual, atormentado com sua condição relativamente privilegiada, de portador de projetos de vanguarda numa sociedade subdesenvolvida e desigual. A busca moderna de desenvolvimento ilimitado foi deixando de dirigir-se para a ruptura coletiva com a condição de subdesenvolvimento nacional, exploração de classe e coisificação dos indivíduos. Intelectuais, em especial, passaram a ser crescentemente seduzidos pelo acesso individual ao desenvolvimento de um mundo globalizado, embora seu discurso por vezes mantenha tons esquerdistas.

Ainda sobre o “eu” moderno

Marshall Berman é um dos raros intelectuais de projeção no mundo de hoje que mantém o inconformismo dos anos 1960. Tão mais importante por defender uma tradição marxista pronta a acompanhar as mudanças da contemporaneidade, sem se deixar seduzir pelos “radicais que querem ver tudo ir pelos ares” (BERMAN, 2001, p. 281), nem pela beatificação de Marx, tampouco pelas teorias sobre a morte do sujeito, muito menos aquelas da pós-

modernidade. Ademais, seus textos plenos de vida e esperança contrastam com os escritos sombrios de esquerda sobre cultura que, segundo ele,

tornaram-se amargos (...) como se a cultura fosse só mais um departamento da Exploração e da Opressão e não tivesse nada de luminoso ou valioso em si mesma. Outras vezes, falam como se as mentes das pessoas fossem tábulas rasas, sem nada dentro, a não ser o que o capital põe ali (BERMAN, 2001, p. 285).

Não obstante, o destaque à investigação do “eu” moderno e ao autodesenvolvimento ilimitado do indivíduo, além de impulsionar a existência de intelectuais críticos e comprometidos com a superação da modernidade capitalista, pode paradoxalmente justificar o rumo tomado por intelectuais que se resignaram à ordem caótica da modernidade, contemplativos de suas eternas contradições, contra as quais pouco ou nada poderiam fazer. Involuntariamente, *Tudo que é sólido desmancha no ar* permite uma leitura que ajuda a desmanchar no ar o intelectual militante, libertário e a erigir em seu lugar o intelectual passivo, a fruir sem culpa sua liberdade e relativa autonomia, a “deliciar-se com a mobilidade” eterna da modernidade.

A expressão libertária da individualidade envolve o intelectual ao mesmo tempo dilacerado pelos problemas da modernidade e engajado prazerosamente no processo de transformação. Mas a ênfase no “eu” também pode ser tomada como a expansão do indivíduo a contemplar passivamente a autodestruição inovadora da modernidade, sua revolução permanente. As personalidades modernas, ao “assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade”, para usar uma formulação de Berman (1986, p. 94), podem gerar um desejo de transformação socializante, mas também o reconhecimento de que pouco se pode fazer para mudar as encruzilhadas históricas, para resolver os dilemas da modernidade, que teria um movimento próprio de eterna autodestruição criadora, a que todos deveriam se ajustar.

A modernidade pode levar as pessoas em geral, e os intelectuais em particular, a engajarem-se na mudança, ou a preferir adaptar-se à ordem em transformação constante, aceitando-a como destino. O “intelectual fáustico”, revoltado contra o mundo ou revolucionário a propor um novo mundo, foi típico dos anos 1960. A partir da década seguinte, aos poucos, foi se impondo um outro tipo: o intelectual reconciliado com o mundo, no

qual reconhecera o eterno e inevitável movimento em que deve se inserir, e não combater, usufruindo ao máximo o prazer e a dor de viver em meio às intempéries da modernidade.

Para resumir, *Tudo que é sólido desmancha no ar* encontrou parte de seu público no Brasil numa intelectualidade de esquerda em crise de identidade, envolta na autocrítica de seu engajamento, a ser repensado após o fim da ditadura, e particularmente sensível à valorização da individualidade, do cotidiano, da cidadania e de outros aspectos valorizados pelo autor. Mas essa intelectualidade estava no limite entre uma autocrítica que poderia colocar num patamar superior seu engajamento contra a ordem estabelecida, ou o abandono desse engajamento. Em termos ainda mais sintéticos, o livro veio colocar-se na tênue fronteira, às vezes difícil de estabelecer e medir, entre a individualidade libertária e o individualismo. Se prevalecer este último, os projetos do autor “correm o risco de desmanchar no mesmo ar moderno em que se decompõe a ordem burguesa que eles tentam sobrepujar” (BERMAN, 1986, p. 115).

Metamorfose ambulante

Ao comentar a obra de seu ex-professor, Meyer Schapiro, num artigo de 1996, Marshall Berman nota um aspecto que aproxima as perspectivas de ambos: “a arte moderna gera uma intensa pressão, tanto no público como nos artistas, por metamorfose e autodesenvolvimento” (2001, p. 248). Viajando no espaço e no tempo, essa frase faz imediatamente lembrar de uma canção brasileira. Em 1973, o roqueiro Raul Seixas gravou uma música na qual pronunciava frases que até hoje são muito repetidas por políticos, intelectuais e artistas quando mudam de posição: “Eu quero dizer, agora, o oposto do que eu disse antes. Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.

Em seu contexto original, a canção tinha um aspecto contracultural, de valorização do indivíduo que se permite mudar para acompanhar o turbilhão da modernidade, se a canção for interpretada com base nas ideias de Berman. Note-se especialmente como a letra privilegia a primeira pessoa do singular, o “eu” moderno: “*eu prefiro ... eu quero dizer ... eu quero viver ... eu nem sei quem sou... eu sou um ator*”. Ademais, a canção enfatiza a mudança permanente (a “metamorfose ambulante”),

e a junção dos contrários: amor e ódio, amor e horror, a estrela de hoje que se apagará amanhã¹³.

A mesma canção tem servido, em novos contextos, para justificar o abandono de posições críticas da ordem estabelecida por ativistas e por intelectuais de esquerda que se incorporam à lógica da sociedade produtora de mercadorias. Em outras palavras, de um lado a canção expressa e inspira a coragem moderna para mudar de posição, quebrar dogmas, contestar verdades estabelecidas e assumir mudanças. De outro lado, pode vir a justificar a mudança do indivíduo, como se ela por si só fosse positiva, não se questionando que mudança seria essa.

O tema da modernidade, do autodesenvolvimento ilimitado dos indivíduos, sempre abertos a mudanças, viria a aparecer em diversas obras de arte brasileiras a partir dos anos 1970, no contexto do fim da vaga radical, quando artistas e intelectuais deparavam-se com o avanço da indústria cultural e da modernização conservadora da ditadura. Para dar apenas mais um exemplo, também no âmbito da música popular, vale retomar resumidamente a análise de *Sampa*, canção de Caetano Veloso dedicada à metrópole de São Paulo, gravada em 1978 no LP *Muito*¹⁴. Ela pode ser examinada com base nas ideias de Marshall Berman, a fim de iluminar a virada individualizante de artistas e intelectuais, especialmente a partir do fim dos anos 1970.

Em versos como – “o povo oprimido nas filas, nas vilas favelas/ da força da grana que ergue e destrói coisas belas/ da feia fumaça que sobe apagando as estrelas/ eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços” –, *Sampa* expressa a

¹³ Eis mais alguns versos da letra: “.../ Eu prefiro ser/ Essa metamorfose ambulante/ Do que ter aquela velha opinião/ Formada sobre tudo/ .../ Sobre o que é o amor/ Sobre o que eu nem sei quem sou/ Se hoje eu sou estrela/ Amanhã já se apagou/ Se hoje eu te odeio/ Amanhã lhe tenho amor/ Lhe tenho amor/ Lhe tenho horror/ Lhe faço amor/ Eu sou um ator/ ...”

¹⁴ Uma análise da canção encontra-se em “Modernidade em Sampa” (RIDENTI, 2000, p. 303-313). Eis a letra de *Sampa*: “Alguma coisa acontece no meu coração/ que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João/ é que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi/ da dura poesia concreta de tuas esquinas/ da deselegância discreta de tuas meninas/ ainda não havia para mim Rita Lee/ a tua mais completa tradução/ alguma coisa acontece no meu coração/ que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João/ Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto/ chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto/ é que Narciso acha feio o que não é espelho/ e a mente apavora o que ainda não é mesmo velho/ nada do que não era antes quando não somos mutantes/ e foste um difícil começo, afasta o que não conheço/ e quem vem de outro sonho feliz de cidade/ aprende depressa a chamar-te de realidade/ porque és o avesso do avesso do avesso do avesso/ Do povo oprimido nas filas, nas vilas favelas/ da força da grana que ergue e destrói coisas belas/ da feia fumaça que sobe apagando as estrelas/ eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços/ tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva/ Panaméricas de Áfricas utópicas, túmulo do samba/ mas possível novo Quilombo de Zumbi/ e os Novos Baianos passeiam na tua garoa/ e novos baianos te podem curtir numa boa”.

tensão entre visão sólida e visão diluidora da vida moderna, a autodestruição inovadora, a polaridade da tragédia fáustica entre o desenvolvimento infinito e a destruição insaciável. Tudo associado à questão da individualidade do homem desacomodado e livre do halo da experiência mistificadora do sagrado, que aparece nitidamente no trecho final: “e os Novos Baianos passeiam na tua garoa/ e novos baianos te podem curtir numa boa”.

Os artistas aparecem como pessoas comuns, simples mortais a viver a modernidade, “novos baianos” a passear sob o céu cinzento da fumaça metropolitana. Eles estão expostos à *garoa*, à dura realidade de São Paulo, onde vivem seres perenemente mutantes. Mas, apesar de expostos às intempéries, eles encontram espaço para fruir a liberdade, curtindo “numa boa” a vida na grande cidade, aprendendo a “se deliciar na mobilidade” da modernidade, para usar uma expressão de Berman (1986, p. 94).

Em São Paulo, são chamados de baianos todos os migrantes da região nordeste do país que acorrem à metrópole em busca de trabalho. “Os Novos Baianos” da canção podem ser eles, e também os artistas da Bahia que se mudaram para São Paulo, como o próprio Caetano Veloso e o grupo musical Novos Baianos, que curtem numa boa a vida na cidade. No último verso, fala-se em “novos baianos”, sem o artigo definido, abrindo o texto para que o adjetivo *novos* possa ser interpretado no sentido de *outros* baianos, novas pessoas que virão, no desenvolvimento infinito da modernidade.

As contradições da modernidade podem levar o artista, cujo halo se perdeu em meio ao turbilhão da metrópole, a engajar-se na mudança, ajudando a criar “novos quilombos de Zumbi”, refazendo no presente a utopia do movimento de escravos revoltosos em busca de liberdade. Ou ele pode preferir “curtir numa boa” a vida na metrópole, livre do dilaceramento fáustico do intelectual, aceitando o destino das personalidades infinitamente mutantes na metrópole antropofágica, deglutidora de influências diversas. Essa tendência já era detectada no tropicalismo pelo poeta Cacaso, em 1972:

se em épocas anteriores o descontentamento com o presente social produzia um impulso de transformá-lo, agora se produz um inconformismo puramente formal expositivo. Se a sociedade já não pode ser transformada, pelo menos podemos “curtila” (BRITO, 1997, p. 151).

Talvez essas palavras sejam injustas com os tropicalistas, à luz do texto de Berman. Afinal, “curtir numa boa”, isto é, usufruir da modernidade, não implica necessariamente uma atitude contemplativa. Mas canções como *Sampa* permitem essa leitura de descompromisso com mudanças estruturais da realidade. A canção compartilha com *Tudo que é sólido desmancha no ar* certa celebração da modernidade e da individualidade que se colocaram na fronteira entre a individualidade libertária e o individualismo.

Não se trata, contudo, de propor uma análise em que os intelectuais dos anos 1960 sejam idealizados como majoritariamente altruístas e críticos, enquanto os intelectuais a partir dos anos 1970, e sobretudo dos 1980, seriam caricaturados como egoístas. Não se trata de supor de modo maniqueísta que antes os intelectuais eram bons e revolucionários, passando depois a ser maus e reacionários. As mudanças não se deram só pelo seu livre-arbítrio, independentemente da organização e das estruturas da sociedade, como se o virtual desaparecimento da figura do intelectual fáustico dependesse apenas da vontade dos intelectuais. Há circunstâncias históricas, políticas, econômicas e culturais a serem consideradas. Tanto assim que o fenômeno não se restringe à sociedade brasileira.

Por exemplo, na França, o país paradigmático para a análise dos intelectuais, Ory e Sirinelli constata uma dupla crise no meio intelectual, especialmente aquele de esquerda, a partir dos anos 1970 (ORY e SIRINELLI, 1992). A primeira seria uma crise ideológica, desencadeada por uma série de acontecimentos, como a fuga dos *boat people* do Vietnã, a guerra do Vietnã com o Camboja¹⁵, o problema reiterado da perseguição aos dissidentes soviéticos, entre outros. Em segundo lugar, haveria uma crise cultural que desembocaria em crise de identidade dos intelectuais: eles se veriam num vazio com a perda de paradigmas e, ademais, teriam sido substituídos na consciência nacional, pelo menos em parte, pela difusão das mídias audiovisuais.

Por sua vez, Russel Jacoby (1990) trata do declínio, a partir da década de 1950, do intelectual atuante na vida pública norte-americana. Constata a eliminação das moradias, restaurantes, cafés e livrarias modestos dos

¹⁵ Essa guerra, em especial, gerou mal-estar nos meios intelectuais europeus que apoiaram as lutas de libertação no Terceiro Mundo, como atesta o depoimento de Benedict Anderson no prefácio à segunda edição de seu livro clássico sobre o nacionalismo, publicado pela primeira vez em 1983 no Reino Unido, portanto na mesma época em que saiu *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Ele citou o desconforto com essa guerra como principal motivo para escrever *Comunidades imaginadas* (ANDERSON, 2008, p. 19).

centros das cidades, a desarticulação do espaço urbano barato e agradável onde vicejava uma *intelligentsia* boêmia. À perda desse espaço, somam-se a restrição da vida intelectual aos limites dos *campi* universitários, situados nos subúrbios, bem como a comercialização acelerada da cultura. Então, “a literatura e a crítica se tornam carreiras, não vocações”; os autores independentes dariam lugar à profissionalização da vida cultural. A institucionalização de intelectuais e artistas neutralizaria a liberdade de que em teoria dispõem, de modo que eventuais e cada vez mais distantes sonhos com a revolução conviveriam com o investimento na profissão, no qual prevaleceria a realidade cotidiana da burocratização e do emprego.

Em suma, parece haver se estabelecido uma tendência geral à institucionalização dos intelectuais, que só parece problemática para aqueles que, como Marshall Berman, considerando-se inimigos da ordem estabelecida, constatarem que ocupam um lugar dentro dela, talvez como

a espécie de estimulantes que o capitalismo necessita. (...) Nesse clima, então, intelectuais radicais encontram obstáculos radicais: suas idéias e movimentos correm o risco de desmanchar no mesmo ar moderno em que se decompõe a ordem burguesa que eles tentam sobrepujar (BERMAN, 1986, p. 115).

A radicalidade dos obstáculos, entretanto, não significa que são insuperáveis. Num tempo marcado pelo “fim das certezas”, para usar uma expressão de Wallerstein (2004), os caminhos seguem entretanto abertos, e são vários. Como aquele da “sociologia como esporte de combate” proposta por Bourdieu, ou da “sociologia pública” incentivada por Burawoy (2009), para não mencionar a continuidade renovada do materialismo histórico. Afinal, como ensinavam velhos mestres, tudo que existe merece perecer. Tudo que é sólido desmancha no ar.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. 2008. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ANDERSON, Perry. 1986. “Modernidade e revolução”. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 14,, p. 2-15.
- BERMAN, Marshall. 1986. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras.

- _____. (1987) “Os sinais da rua: uma resposta a Perry Anderson”. *Presença*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 122-138.
- _____. (2001) *Aventuras no marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2009) *Um século em Nova York – espetáculos em Times Square*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BURAWOY, Michael & BRAGA, Ruy. 2009. *Por uma sociologia pública*. São Paulo: Alameda.
- BRITO, Antonio Carlos Ferreira de. 1997. *Não quero prosa/ Cacaso*. Org. de Vilma Arêas. Rio de Janeiro/ Campinas: Ed. UFRJ/ Ed. da Unicamp.
- JACOBY, Russell. 1990. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: Edusp/Trajatória Cultural.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. 1996. *Manifesto do Partido Comunista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MARX, Karl. 1974. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- _____. 1983. *O capital*. São Paulo: Abril Cultural.
- ORTIZ, Renato. 1988. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense.
- ORY, Pascal & SIRINELLI, Jean-François. 1992. *Les intellectuels en France: de l'affaire Dreyfus à nos jours*. 2 ed. Paris: Armand Colin.
- REIS, Daniel Aarão. 1991. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo, Brasiliense.
- RIDENTI, Marcelo. 1998. “O sucesso no Brasil da leitura do Manifesto comunista feita por Marshall Berman”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). *O Manifesto comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Contraponto/ Fund. Perseu Abramo, p. 187-207.
- RIDENTI, Marcelo. 2000. *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record.
- _____. 2008. “Brasilidade vermelha: artistas e intelectuais comunistas nos anos 1950”. In: BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai & VILLAS BÔAS, Gláucia (orgs.). *O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 169-209.
- SARTRE, Jean-Paul. 1989. *Que é literatura*. São Paulo: Ática.
- VELOSO, Caetano. 1997. *Verdade tropical*. São Paulo: Cia das Letras.
- WALLERSTEIN, Immanuel. 2004. “O fim das certezas e os intelectuais comprometidos”. In: MORAES, Denis de (org.). *Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise*. Rio de Janeiro: Record.

WILSON, Edmund. 1986. *Rumo à estação Finlândia: escritores e atores da História*. São Paulo: Companhia das Letras.

Resumo

A recepção no Brasil ao livro de Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, ajuda a compreender o entrelaçamento entre o campo intelectual e a indústria cultural, bem como as relações entre o mercado e o pensamento de esquerda nos anos 1980. O sucesso da obra pode ser explicado por uma conjunção de fatores, desde o investimento editorial inovador no mercado, até a predisposição para recebê-la nos meios intelectualizados, em plena transição da ditadura para a democracia. Mudava o lugar do intelectual na sociedade brasileira, em meio a redefinições também no pensamento e na prática de esquerda.

Palavras-chave: modernidade; intelectuais; anos 1980; indústria cultural brasileira; individualidade, engajamento político.

Abstract

The article analyses the extraordinary reception in Brazil of Marshall Berman's book about modernism, modernity and modernization, *All that is solid melts into air*. 34.000 copies were sold in only 12 months after its Brazilian edition of 1986. Till our days 74.500 copies of the book were published, which is a huge number for Brazilian standards. Berman's audience in Brazil testifies the relation between intellectual field and cultural industry, as well as the links between market and leftwing thought in the eighties. The success of the book can be explained by a series of factors, from the innovating editorial investment to the predisposition to accept it by intellectuals and artists in a particular moment, when the country was facing the transition from dictatorship to democracy. The place of artists and intellectuals was changing in Brazilian society, as was their political commitment.

Key words: modernity; intellectuals; eighties; cultural industry in Brazil; individuality; political commitment.

Recebido em outubro de 2009

Aprovado em outubro de 2009